

<https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n12a1286.1-9>

Técnicas para redução de estresse no atendimento clínico de cães e gatos durante consulta veterinária

Débora de Souza Pozzatto¹, Jhulya de Andrade Borges Vieira², Luciano de Paulo Moreira², Bruno Passagem Ventura², Isabelly Santos Vale², Poliana Laviola Pedrosa², Karina Preising Aptekmann^{3*}

¹Médica Veterinária Residente da Universidade Federal do Espírito Santo. Departamento de Medicina Veterinária, Alegre – Espírito Santo, Brasil.

²Graduando(a) da Universidade Federal do Espírito Santo. Departamento de Medicina Veterinária, Alegre – Espírito Santo, Brasil.

³Professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Departamento de Medicina Veterinária, Alegre – Espírito Santo, Brasil.

*Autor para correspondência, E-mail: kapreising@gmail.com

Resumo. Cães e gatos podem sofrer estresse agudo durante atendimento clínico veterinário. Como consequência, o exame clínico do paciente pode ser prejudicado, e alguns exames complementares podem sofrer influência do estresse e apresentarem alterações, com prejuízo à sua interpretação. Além disso, a geração do estresse pode reduzir a frequência com que os pets são levados à consulta veterinária e a aderência do tutor ao tratamento. Além disso, aumenta o risco de acidentes, como mordidas e arranhões, e o animal é condicionado de forma negativa. Por este motivo é importante conhecer a linguagem corporal de cães e gatos na rotina clínica, saber interpretá-los de acordo com a situação, e saber como agir diante delas. O preparo do ambiente para receber os animais de forma mais amigável também é essencial para reduzir o nível de estresse de cães e gatos em atendimento veterinário. Logo, objetivou-se com este estudo realizar uma revisão de literatura sobre as técnicas para redução do estresse no atendimento clínico de cães e gatos.

Palavras chave: Estresse, *pet friendly*, comportamento, atendimento

Techniques for stress reduction in the clinical care of dogs and cats during veterinary consultation

Abstract. Dogs and cats can suffer acute stress during veterinary clinical care. As a consequence, the clinical examination of the patient may be impaired, and some complementary tests may be influenced by stress and present alterations, with prejudice to their interpretation. In addition, the generation of stress can reduce the frequency with which pets are taken to the veterinary consultation and the guardian's adherence to treatment. In addition, it increases the risk of accidents, such as bites and scratches, and the animal is negatively conditioned. For this reason, it is important to know the body language of dogs and cats in the clinical routine, to know how to interpret them according to the situation, and to know how to act when faced with them. Preparing the environment to receive animals in a more friendly way is also essential to reduce the stress level of dogs and cats undergoing veterinary care. Therefore, the objective of this study was to carry out a literature review on techniques to reduce stress in the clinical care of dogs and cats.

Keywords: Stress, pet friendly, behavior, service

Introdução

Por muito tempo, o estresse no atendimento clínico de cães e gatos foi visto como aceitável e impossível de ser evitado por Médicos Veterinários. As consequências do estresse, eram vistas apenas como as ocasionais mordidas e arranhões na equipe de atendimento ([Tynes, 2014](#)).

Para intervir em situações estressantes, é preciso conhecer a linguagem corporal do animal e interpretá-la, além de saber como abordar um animal estressado. Conhecer técnicas para redução do estresse, assim como técnicas preventivas, e saber utilizar as ferramentas disponíveis quando necessárias também é essencial ([Herron & Shreyer, 2014](#)).

Dessa forma, é possível melhorar a relação entre veterinário, cliente e animal, reduzir a ansiedade do cliente, aumentar a eficiência do atendimento, melhorar o comprometimento do cliente ao tratamento, e ainda, reduzir a quantidade de acidentes (mordidas e arranhões) durante o atendimento ([Lloyd, 2017](#)).

Por esse motivo, foi realizada uma revisão de literatura sobre o reconhecimento do estresse em cães e gatos, a importância do preparo da equipe veterinária para lidar com o paciente nessa situação e práticas, que objetivam a redução desse estresse, a serem feitas antes e durante a consulta veterinária.

Reconhecendo estresse e medo em cães e gatos

O reconhecimento de sinais de estresse em cães e gatos é importante tanto para tutores quanto para veterinários e suas equipes, e pode auxiliar na manutenção do bem-estar do animal em sua vida de modo geral, evitando que situações estressantes sejam prolongadas. Orelhas abaixadas, tremores e taquipneia, são os sinais identificados com maior frequência pelos tutores, enquanto sinais mais sutis como bocejos com olhar ansioso, lambedura dos lábios, e negação ao contato visual, podem passar despercebidos ([Tynes, 2014](#)).

No caso de veterinários e suas equipes, a identificação de qualquer sinal de estresse determinará a maneira que o atendimento deve ser conduzido, pois a insistência em atitudes estressantes pode dificultar consideravelmente o atendimento atual e futuro do animal ([Tynes, 2014](#)), favorecendo comportamentos nocivos como mordidas e arranhões, à equipe. Além disso, sinais de estresse devem ser considerados ao interpretar resultados de exames, que podem ter alterações por resposta ao estresse, e ainda podem aumentar o risco em sedações e anestésias ([Ryan et al., 2019](#)).

Nos cães com medo, observa-se com frequência orelhas para trás e/ou achatadas, lambedura dos lábios, postura encolhida, cauda entre os membros, respiração ofegante, sialorreia, tremores, bocejos e esvaziamento da glândula anal ([Hammerle et al., 2015](#); [Lloyd, 2017](#)). Podem urinar, farejar o chão, vocalizar e se movimentar lentamente ([Greenfield, 2013](#)). Observa-se também o “olhar de baleia”, ou seja, a exposição do branco do olho, e as sobrancelhas podem estar franzidas ([Lloyd, 2017](#)).

Agressividade defensiva é outro comportamento que o cão pode apresentar, com olhar fixo, rosnados e ataques para mordedura ([Hammerle et al., 2015](#)), ou podem apresentar “congelamento”, ou seja, não demonstrar nenhuma reação de estresse ([AWGG, 2019](#)). A reação de congelamento ou encolhimento não deve ser confundida com submissão, pois a abordagem no animal que aparenta estar submisso pode resultar em agressividade defensiva ([Lloyd, 2017](#)).

O gato ao sentir medo, geralmente tenta parecer menor ([Rodan et al., 2011](#)). Suas orelhas direcionam-se para trás, para o lado, ou ficam achatadas, e podem movimentar-se com frequência, indicando hiper vigilância. As pupilas dilatam, e sua cauda é mantida próxima ao corpo, mas quando agitada, pode indicar agitação, aborrecimento ou excitação ([Rodan, 2010](#)). Assim como os cães, podem entrar em estado de agressividade defensiva; ficam encolhidos, com orelhas lateralizadas e baixas, e emitindo ruídos, como assobios e rosnados (Riemer et al., 2021) e também podem ficar no clássico posicionamento de “gato de Halloween”: na ponta das patas, com os pelos eriçados e a cauda esticada (alta ou baixa) para parecer maior ([Lloyd, 2017](#)).

Importante destacar que o ronronar nem sempre deve ser interpretado como bem-estar, pois pode indicar que o animal está doente ([Riemer et al., 2021](#)), assim como a exposição do abdômen pode significar um preparo para ataque e não um pedido de carinho ([Lloyd, 2017](#)).

Preparo do animal para a ida ao Médico Veterinário

Previamente à ida ao Médico Veterinário é importante que sejam tomadas medidas preventivas pelo tutor, de forma a evitar reações de estresse ([Greenfield, 2013](#)). Por meio do condicionamento, cães e gatos aprendem rapidamente a associar experiências assustadoras ou dolorosas com as pessoas e o local em que aconteceram ([Lloyd, 2017](#)). Por isso, é comum que gatos se escondam ou apresentem agressividade quando veem a caixa ou são colocados nela à força, assim como a vocalização de estresse durante o percurso ([Volk et al., 2011](#)).

O ideal é que esta abordagem seja feita em forma de treinamento, ou seja, antes que o animal precise de atendimento veterinário emergencial, levando-o ao espaço veterinário apenas com este objetivo ([Lloyd, 2017](#)). A adaptação às caixas de transporte é essencial, e pode ser feita por meio de associações positivas, posicionando a caixa em um local da casa de fácil acesso, e oferecendo recompensas (alimento, carinho, brinquedos), dentro e em volta da caixa ([Ellis et al., 2013](#); [Rodan et al., 2011](#)). O tutor deve dar preferência aos modelos que permitem abertura parcial, especialmente para gatos, que se sentem menos ameaçados quando expostos de forma gradual ([Rodan et al., 2011](#)).

Passeios de carro de curta duração desde quando o animal ainda é filhote é de grande ajuda nesse processo de adaptação. Antes, é importante que seja testado o posicionamento da caixa no carro sem o animal, de preferência com a utilização do cinto de segurança, para que não haja estresse já no primeiro passeio. Para gatos, é também de grande importância que as caixas sejam cobertas com uma manta/toalha, para reduzir os estímulos ambientais de estresse ([Rodan et al., 2011](#)).

Adaptar o filhote aos toques realizados no exame físico é igualmente importante para evitar estresse durante a consulta veterinária, como tocar as patas, abrir a boca e inspecionar ouvidos, realizados em casa por seus tutores, e com estímulos positivos ([Döring et al., 2009](#)).

Itens com odores familiares, como mantas e brinquedos, devem ser levados junto ao animal para reduzir o estresse ([Rodan et al., 2011](#)), tanto na espera, quanto durante o atendimento ([Englar, 2017](#)). Massagens e carinhos durante a espera são também importantes para manter o animal calmo e reduzir a ansiedade, além de produzir um efeito calmante também no tutor em espera ([Greenfield, 2013](#)). Com o uso frequente de petiscos no condicionamento positivo, sugere-se também que o animal seja levado com um pequeno nível de fome, de forma que haja maior aceitação ao que for oferecido no espaço veterinário ([Lloyd, 2017](#)). Por último, destaca-se a importância do tutor saber reconhecer sinais de estresse e ansiedade, assim como o funcionário da recepção, que pode alertar o tutor se necessário ([Greenfield, 2013](#)). Por isso sugere-se que a equipe e o tutor recebam indicações de material para leitura ([Rodan et al., 2011](#)), e que imagens e diagramas sobre comportamentos de estresse sejam colocados na recepção ([Greenfield, 2013](#)).

Terapia medicamentosa prévia

Quando a equipe veterinária está ciente das características comportamentais de um paciente, pode prescrever medicações prévias à consulta para reduzir o nível de ansiedade e estresse ([Rodan et al., 2011](#)). A escolha da via de administração deve ser feita junto com o tutor, considerando as particularidades do animal, e dos procedimentos necessários: se o procedimento não precisar de jejum, a medicação pode ser administrada no alimento, enquanto que para procedimentos cujo jejum é necessário, a via transdérmica é preferível, e a via oral com um pouco de água é aceitável; se a via oral for selecionada, é importante determinar se não será motivo de estresse prévio à consulta, limitando a técnica. Existem algumas opções de medicações que podem ser feitas previamente à consulta ([Riemer et al., 2021](#)).

A trazodona é um antagonista de serotonina e ajuda na redução do estresse no transporte e maior tolerância à manipulação na consulta ([Stevens et al., 2016](#)). A gabapentina reduz significativamente o estresse no transporte e no atendimento clínico de gatos quando administrada 90 minutos antes do transporte e seu uso em cães ainda não é bem estabelecido em estudos ([Riemer et al., 2021](#)). Um benzodiazepínico oral (como o alprazolam) teria um efeito ansiolítico com potencial efeito de amnésia, interessante para um animal muito estressado ([Rodan et al., 2011](#)). Contudo, é um grupo medicamentoso que não deve ser utilizado em animais com tendências agressivas, pois podem ser intensificadas com

seu uso; neste caso, é importante testar como o animal vai reagir antes de utilizar a droga para o atendimento clínico (Moffat, 2008). Vale destacar que o diazepam não deve ser utilizado em gatos, pelo risco de necrose hepática (Park, 2012). Outros ansiolíticos podem ser utilizados, mas em nenhuma hipótese devem substituir o manejo amigável e outras medidas preventivas (Ryan et al., 2019).

Em alguns casos, pode ser necessário um tratamento medicamentoso a longo prazo para controle de problemas com ansiedade e estresse, que junto com alterações ambientais e de manejo, podem melhorar e facilitar o manejo do animal no consultório veterinário. Já houve também relato do uso do ômega-3 como protetor aos danos do estresse ao sistema nervoso (Lloyd, 2017). Feromônios e óleos essenciais como terapia prévia à consulta veterinária também podem ser utilizados. A terapia com feromônios ajuda a preparar o animal, e envolve diferentes métodos, como o uso de coleira comercial (Adaptil calm[®], CEVA, Brasil) em cães, difusores em casa, e spray em coleira ou bandana 20 minutos antes do uso (Adaptil[®]; Feliway[®], CEVA, Brasil) (Greenfield, 2013). O uso de feromônios aplicado em spray na caixa de transporte 30 minutos antes do uso no caso de gatos também é útil no controle de estresse (Rodan et al., 2011). A aromaterapia também provou ser eficaz no controle de estresse através da aplicação de óleo de lavanda nas pontas das orelhas dos cães, antes da entrada na clínica/hospital (Greenfield, 2013).

Preparo do ambiente veterinário

A ida ao Médico Veterinário apresenta vários desafios a cães e gatos, a começar por ações inofensivas na recepção; entretanto, alguns ajustes no layout da recepção podem amenizar as reações de estresse (Greenfield, 2013).

A pesagem pode aumentar o estresse em cães em 53%; para redução do estresse, é interessante que a balança não seja posicionada em cantos, pois haverá maior indução de estresse, e sua superfície deve ser antiaderente (Hammerle et al., 2015). Petiscos devem ser estrategicamente posicionados próximos à balança, para que cães sejam encorajados e recompensados por subirem por conta própria (Lloyd, 2017).

No espaço da recepção/sala de espera, impedir ao máximo o contato entre as espécies é uma ótima forma de diminuir o estresse dos pacientes. Como por exemplo, planejamento de recepções individuais para cães e gatos, criação de áreas de espera externa para cães ou colocação de barreiras visuais entre os assentos, com máximo de espaço possível entre eles, caso as duas primeiras opções não sejam possíveis. Felinos e cães que tenham aversão a outros cães podem ser agendados para horários separados ou de menor movimento. Prateleiras e cadeiras elevadas devem estar à disposição para colocar as caixas de transporte com os pacientes felinos, impedindo o acesso de outros animais à caixa, além de mantas/toalhas para cobrir a caixa, para assim ajudar a reduzir o seu nível de estresse (Riemer et al., 2021; Shepherd, 2011).

Caso haja o encontro inevitável na sala de espera entre cães e gatos, ou cães não amigáveis, é possível sugerir o uso de um consultório vazio para um animal e seu tutor, reduzindo assim o nível de estresse dos animais presentes (Englar, 2017). Há benefícios também na espera em um ambiente externo: cães apresentaram menor frequência cardíaca, e níveis de cortisol mais baixos quando esperaram por 20 minutos em um jardim em relação aos que esperaram em ambiente interno (Perego et al., 2014). Além das ações preventivas citadas acima, é importante que a equipe de recepção esteja preparada para identificar, prevenir, e lidar com conflitos (Greenfield, 2013). O preparo do consultório para um atendimento amigável, começa com uma estrutura confortável e convidativa, tanto para tutores quanto para animais (Ryan et al., 2019). Nesse sentido, deve-se considerar que para animais, maior intensidade da luz pode ser mais desconfortável, logo, sugere-se bulbos de até 60 watts, para evitar um desconforto visual (Herron & Shreyer, 2014).

Roupas brancas podem ser evitadas, pois a maioria dos pacientes têm uma associação negativa devido às más experiências anteriores e também é desconfortável para a visão animal (Herron & Shreyer, 2014). As cores mais agradáveis visualmente para cães e gatos variam de amarelo claro ao violeta claro (tons pastéis), evitando-se cores muito escuras (Lloyd, 2017).

O ambiente deve estar sempre organizado, com todo o material necessário disponível, de forma que não haja necessidade de interrupção do atendimento para busca de materiais, causando sons estressantes

([Rodan et al., 2011](#)). É importante que a anamnese seja feita em um tom baixo e amigável, pois sons acima de 85 decibéis podem ser muito estressantes para cães e gatos ([Herron & Shreyer, 2014](#)).

Cadeiras confortáveis devem estar disponíveis ao tutor, e aos animais, toalhas ou tapetes macios para sentar/deitar ([Lloyd, 2017](#)). Brinquedos (laváveis) e petiscos devem ser disponibilizados, de forma que durante a anamnese haja um período de ambientação para reduzir o estresse ([Englar, 2017](#)). Caso o ambiente não tenha sido construído com isolamento acústico, outras medidas são válidas como música clássica para cães, e música específica para gatos, que pode acalmá-los e trazer sensação de aconchego ([Hampton et al., 2020](#)).

Os pacientes liberam feromônios alarmantes de estresse pelas secreções faciais e corporais. Sendo assim, o consultório deve ser limpo (incluindo armários, mesas, cadeiras e paredes) com produtos capazes de destruir as gorduras e proteínas que compõem os feromônios com objetivo de impedir que esses sinais de perigo sejam passados aos pacientes futuros, incluindo o odor de cães (predadores) a gatos. Importante aguardar que o odor do desinfetante dissipe, pois cheiros fortes podem incomodar os animais ([Herron & Shreyer, 2014](#); [Rodan et al., 2011](#); [Ryan et al., 2019](#)).

Tanto em salas de espera quanto em consultórios, o estímulo olfatório positivo pode ser utilizado para acalmar pacientes sob estresse ([Greenfield, 2013](#)). Como exemplo, têm-se o uso de feromônios relaxantes e calmantes que são utilizados amplamente em ambientes veterinários ([Feilberg et al., 2021](#)). Os feromônios podem ficar no difusor por todo o espaço veterinário, serem dispersados por spray em toalhas/mantas ou até mesmo nas roupas dos atendentes, 30 minutos antes do atendimento ([Herron & Shreyer, 2014](#); [Rodan et al., 2011](#)). Importante destacar que os animais não se incomodam com a dispersão de feromônios de espécies diferentes, logo, podem ser utilizados no mesmo ambiente tanto o de felinos, quanto o de caninos ([Herron & Shreyer, 2014](#)).

O uso de óleos essenciais também pode ser um estímulo olfatório positivo no ambiente veterinário ([Herron & Shreyer, 2014](#); [Wells, 2006](#)). Os óleos de lavanda e camomila, por exemplo, trazem efeito de relaxamento e tranquilização, enquanto os óleos de alecrim e hortelã-pimenta encorajam o animal a ficar de pé, se movimentar e vocalizar o que pode dificultar o atendimento ([Ellis & Wells, 2010](#); [Graham et al., 2005](#); [Wells, 2006](#)). Para gatos, o uso da catnip pode ser um estímulo olfatório interessante, tanto na sala de espera quanto no consultório, estimulando brincadeiras e em alguns casos até excitação, sendo importante avaliar a resposta individual de cada animal à erva ([Ellis & Wells, 2010](#); [Greenfield, 2013](#)).

A cromoterapia é uma técnica holística capaz restaurar o equilíbrio corporal, de acordo com a cor escolhida. A cor pode ser aplicada por diferentes métodos, incluindo pedras, tecidos, lâmpadas etc ([Birren, 1951](#)). Na prática, é viável cobrir fontes de luz com placas coloridas, utilizar toalhas para cobrir gaiolas na cor desejada, apresentar a cor através de vasilhas de comida e também colocar bandanas no animal ([Birren, 1951](#)). Todas as cores do espectro azul (azul, verde, violeta) possuem um efeito sedativo e estimulam a digestão, induzindo também ao sono, sendo um bom pacificador, os tons de vermelho tem efeito estimulante, invocam o nervosismo e interrompem a digestão. Outras cores, como a branca, fornece uma sensação de clareza/pureza e a cor verde libera tensão. O amarelo fornece um sentimento de conforto e calor, a cor laranja ajuda a estimular a produção sanguínea e energizar os nervos. A cor roxa é uma junção do azul com o vermelho, estimula sem agravar e acalma o sistema nervoso. A cor marrom é neutra, não muda o estado do paciente ([Birren, 1951](#)).

Atendimento amigável

Após a anamnese, que é um momento de ambientação, é iniciado o exame físico, quando há um aumento importante do nível de estresse ([Riemer et al., 2021](#)). Neste momento, a forma que a equipe aborda o paciente determinará se ele se sentirá confortável ou não no ambiente ([Lloyd, 2017](#)). No caso de cães, o ideal é que a iniciativa do primeiro contato venha do animal ([Riemer et al., 2021](#)) e caso não haja este contato imediato, é importante evitar se inclinar sobre ele, abaixar de frente e fazer contato visual direto ([Lloyd, 2017](#)). Ainda que as intenções sejam amigáveis, muitos gestos são vistos como ameaçadores pelos cães ([Herron & Shreyer, 2014](#)). A abordagem inicial parece menos ameaçadora quando feita pela lateral, e pode ser associada à chamada do animal pelo nome em uma voz amigável, e ao uso de um petisco ([Herron & Shreyer, 2014](#)). Caso o cão seja amigável, o petisco pode ser oferecido

diretamente, mas caso seja tímido, pode ser jogado, para evitar aproximação e/ou conflitos ([Riemer et al., 2021](#)).

O início do exame físico deve ocorrer onde o animal aceitar o primeiro toque, e de forma amigável, pois apenas o posicionamento forçado à mesa de exames pode ser um gatilho devido a experiências negativas anteriores ([Riemer et al., 2021](#)). É importante ser flexível na escolha do local do exame, que em alguns casos pode ocorrer no chão, no colo do tutor, no colo do veterinário ou na cadeira ([Rodan et al., 2011](#)).

Para gatos, a paciência pode ser recompensadora: boa parte deles costuma sair da caixa dentro de três minutos após aberta, e por isso, deve-se evitar de retirá-los a força ou sacudi-los para fora ([Pratsch et al., 2018](#)). Esta atitude leva a uma sensação de perda de controle, extremamente negativa; o ideal é que a espera para que o gato saia de sua caixa, ocorra durante a anamnese, permitindo que o animal explore o ambiente e se sinta à vontade ([Rodan et al., 2011](#)). Caso o gato decida não sair, a opção é atraí-lo com brinquedos e saches, e em último caso, removê-lo gentilmente, o que pode ser feito com o auxílio de uma toalha ([Rodan et al., 2011](#)).

Caixas de transporte com os topos removíveis permitem que o animal permaneça nela durante o exame físico, passando uma sensação de segurança ([Riemer et al., 2021](#)). Gatos mais ansiosos podem ser cobertos com uma toalha ou manta, dando uma maior sensação de segurança, e mantendo-os acessíveis ([Rodan, 2010](#); [Vogt et al., 2010](#)).

Durante o exame, é importante evitar movimentos bruscos, e carinhos devem ser feitos ao animal apenas caso ele aparente estar gostando. Algumas pausas durante o exame podem ser feitas para brincadeiras e recompensas alimentares, deixando o animal mais confortável e favorecendo um condicionamento positivo. Caso haja um nível alto de ansiedade e estresse, inclusive com potencial evolução para agressividade, o atendimento deve ser reagendado (se possível) para outro dia, e o preparo deve ser orientado, podendo até incluir medicações ansiolíticas ([Riemer et al., 2021](#)). Se não for possível reagendar, a contenção química se torna uma opção, assim como a hospitalização para realização de procedimentos em um outro momento ([Rodan et al., 2011](#)).

Existem três princípios para a realização de procedimentos: fazer apenas o necessário, utilizar técnicas de contenção adequadas, inclusive contenção química quando necessária, e equipe preparada ([Ryan et al., 2019](#)). De acordo com o procedimento necessário, é possível determinar o nível de contenção, que deve sempre ser o mínimo que permita o procedimento em segurança. A contenção excessiva é assustadora e dolorosa ([Lloyd, 2017](#)), sendo mais estressante do que o procedimento em si ([Herron & Shreyer, 2014](#)). Quanto mais confortável o animal se sente, maior a chance dele se apresentar calmo e cooperativo, aumentando o seu bem-estar e reduzindo o risco de agressão à equipe ([Moffat, 2008](#)). O uso de alimentos pode ser uma boa ferramenta de distração, muitas vezes permitindo o mínimo de contenção ([Riemer et al., 2021](#)). A contenção mais firme deve envolver todo o animal, oferecendo suporte, e ajustes no posicionamento sem soltar o animal são preferíveis do que soltar o animal e contê-lo novamente ([Herron & Shreyer, 2014](#)). Se o animal resistir à contenção por mais de três segundos, deve ser solto para um momento de relaxamento, prévio a uma nova tentativa; caso após dois ou três tentativas o animal permanecer resistente, a situação deve ser reavaliada – agendar uma nova data com melhor preparo ou realizar contenção química ([Englar, 2017](#); [Herron & Shreyer, 2014](#)). A insistência à situação estressante pode levar à agressão instantânea, além de memória negativa, aumentando o risco de agressão na próxima visita ([Riemer et al., 2021](#)).

Algumas ferramentas e técnicas aumentam a segurança na contenção, como envolver o pescoço do animal, cão ou gato, com uma toalha, pois auxilia no controle da cabeça do animal ([Herron & Shreyer, 2014](#)). Bolsas de contenção felinas podem ser de difícil colocação, e quando muito apertadas podem causar desconforto ([Rodan, 2010](#); [Rodan et al., 2011](#)). Focinheiras permitem que a equipe se sinta mais segura e calma para os procedimentos, mas não devem ser utilizadas de forma excessiva em animais que resistem, podendo levar a traumas e maior estresse ([Riemer et al., 2021](#)). Focinheiras que limitam o arfar, podem prejudicar a termorregulação e devem ser usadas apenas para procedimentos rápidos ([Moffat, 2008](#)). Em cães não treinados a seu uso, o ideal é a colocação de alimento em seu interior antes da introdução. O oferecimento de alimento, como patê, deve ser mantido mesmo durante o procedimento, criando uma associação positiva ([Herron & Shreyer, 2014](#); [Riemer et al., 2021](#)).

Focinheiras felinas não permitem ajustes como no caso de cães. Gatos, geralmente, não recebem treinamento para seu uso. Para prevenção de mordidas, a toalha ao redor do pescoço tem boa aceitação (Herron & Shreyer, 2014; Moffat, 2008). Na ausência de focinheiras ou uma toalha, uma alternativa seria o uso de um colar elisabetano (Moffat, 2008).

A imobilização do gato pela pele de seu pescoço deve ser vista como alternativa em último caso, apenas com baixo nível de pressão, pois retira o senso de controle do animal, aumentando seu nível de estresse. É aceitável caso o animal esteja em fuga ou ameaçando a saúde de um membro da equipe, mas um animal não deve, em hipótese alguma, ser erguido desta forma, pois é potencialmente doloroso e desnecessário (Rodan et al., 2011).

Ferramentas como o cambão, redes e armadilhas, são opções apenas para animais extremamente agressivos e não domesticados, ainda que a contenção química nestes casos seja preferível (Riemer et al., 2021). Para palpação e temperatura retal, o uso de gel lubrificante com lidocaína é indicado deixando o animal mais confortável (Englar, 2017; Lloyd, 2017).

No caso da coleta de sangue, o uso de escalpes pode ser menos nocivo do que a seringa agulhada para animais mais agitados, e o *vacutainer* reduz o risco de colapso venoso durante a coleta de animais maiores; o uso prévio de pomadas anestésicas pode ser interessante. Para aplicações é importante que a agulha de aspiração seja descartada e uma nova agulha, e de preferência mais fina, seja colocada, para induzir menor desconforto na aplicação (Edwards et al., 2019). A coleta da safena lateral com o animal em estação costuma ser mais tolerada do que o posicionamento lateral. O decúbito lateral deve ser instituído apenas quando muito necessário, como em casos de avaliação ortopédica e neurológica, pois a maioria dos procedimentos pode ser feita com o animal em estação ou sentado. Gatos podem tolerar bem o decúbito lateral para punção da safena medial, e o uso de uma toalha ou manta em torno da cabeça pode ser interessante para garantir contenção mais firme caso necessária (Herron & Shreyer, 2014).

Considerações finais

O medo e o estresse de cães e gatos, são comuns na rotina de Médicos Veterinários. Por este motivo, é importante que estes profissionais busquem adotar uma postura mais amigável, compreendendo melhor comportamentos observados, utilizando técnicas de contenção apropriadas, e proporcionando um ambiente acolhedor, tanto para pacientes, quanto para seus tutores. Buscou-se com o presente trabalho expor um conjunto de ações, com potencial de tornar o atendimento clínico mais amigável, e espera-se que com as ações aplicadas, seja possível reduzir o nível de medo, estresse e ansiedade de cães e gatos, e criar experiências positivas, para pacientes, tutores e toda equipe veterinária envolvida.

Referências bibliográficas

- Birren, F. (1951). Color psychology and color therapy. *American Journal of Psychotherapy*, 5(4), 613–614. <https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.1951.5.4.613>.
- AWGG - Animal Welfare Guidelines Group; Ryan, S.; Bacon, H.; Endenburg, N.; Hazel, S.; Jouppi, R.; Lee, N.; Seksel, K. & Takashima, G. (2019). WSAVA animal welfare guidelines for veterinary practitioners and veterinary teams. *The Journal of small animal practice*, 60, 5. Doi <https://doi.org/10.1111/jsap.12988>
- Döring, D., Roscher, A., Scheipl, F., Küchenhoff, H., & Erhard, M. H. (2009). Fear-related behaviour of dogs in veterinary practice. *The Veterinary Journal*, 182(1), 38–43. <https://doi.org/0.1016/j.tvjl.2008.05.006>.
- Edwards, P. T., Smith, B. P., McArthur, M. L., & Hazel, S. J. (2019). Fearful fido: Investigating dog experience in the veterinary context in an effort to reduce distress. *Applied Animal Behaviour Science*, 213, 14–25. <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2019.02.009>.
- Ellis, S. L. H., Rodan, I., Carney, H. C., Heath, S., Rochlitz, I., Shearburn, L. D., Sundahl, E., & Westropp, J. L. (2013). AAFP and ISFM feline environmental needs guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 15(3), 219–230. <https://doi.org/10.1177/1098612X13477537>.

- Ellis, S. L. H., & Wells, D. L. (2010). The influence of olfactory stimulation on the behaviour of cats housed in a rescue shelter. *Applied Animal Behaviour Science*, *123*(1–2), 56–62. <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2009.12.011>.
- Englar, R. E. (2017). Setting the stage: Canine-friendly practice and low-stress handling. In R. E. Englar (Ed.), *Performing the small animal physical examination* (pp. 193–222). Willey-Blackwell, Hoboken.
- Feilberg, E., Corridan, C. L., & Buckley, L. A. (2021). A cross-sectional survey of UK veterinary practices to determine prevalence of patient stress-reducing and welfare-enhancing approaches believed to be undertaken in companion animal practice. *Journal of Veterinary Behavior*, *43*, 14–23. <https://doi.org/10.1016/j.jveb.2021.01.001>.
- Graham, L., Wells, D. L., & Hepper, P. G. (2005). The influence of olfactory stimulation on the behaviour of dogs housed in a rescue shelter. *Applied Animal Behaviour Science*, *91*(1–2), 143–153. <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2009.12.011>.
- Greenfield, S. (2013). How to reduce stress in the veterinary waiting room. *The Veterinary Nurse*, *4*(8), 494–501. <https://doi.org/10.12968/vetn.2013.4.8.494>.
- Hammerle, M., Horst, C., Levine, E., Overall, K., Radosta, L., Rafter-Ritchie, M., & Yin, S. (2015). 2015 AAHA canine and feline behavior management guidelines. *Journal of the American Animal Hospital Association*, *51*(4), 205–221. <https://doi.org/10.5326/JAAHA-MS-6527>.
- Hampton, A., Ford, A., Cox, R. E., Liu, C., & Koh, R. (2020). Effects of music on behavior and physiological stress response of domestic cats in a veterinary clinic. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, *22*(2), 122–128. <https://doi.org/10.1177/1098612X19828131>.
- Herron, M. E., & Shreyer, T. (2014). The pet-friendly veterinary practice: a guide for practitioners. *Veterinary Clinics: Small Animal Practice*, *44*(3), 451–481. <https://doi.org/0.3390/ani11010158>.
- Lloyd, J. K. F. (2017). Minimising stress for patients in the veterinary hospital: Why it is important and what can be done about it. *Veterinary Sciences*, *4*(2), 22. <https://doi.org/10.3390/vetsci4020022>.
- Moffat, K. (2008). Addressing canine and feline aggression in the veterinary clinic. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, *38*(5), 983–1003. <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2008.04.007>.
- Park, F. M. (2012). Successful treatment of hepatic failure secondary to diazepam administration in a cat. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, *14*(2), 158–160. <https://doi.org/10.1177/1098612X11432238>.
- Perego, R., Proverbio, D., & Spada, E. (2014). Increases in heart rate and serum cortisol concentrations in healthy dogs are positively correlated with an indoor waiting-room environment. *Veterinary Clinical Pathology*, *43*(1), 67–71. <https://doi.org/10.1111/vcp.12118>.
- Pratsch, L., Mohr, N., Palme, R., Rost, J., Troxler, J., & Arhant, C. (2018). Carrier training cats reduces stress on transport to a veterinary practice. *Applied Animal Behaviour Science*, *206*, 64–74. <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2018.05.025>.
- Riemer, S., Heritier, C., Windschnurer, I., Pratsch, L., Arhant, C., & Affenzeller, N. (2021). A review on mitigating fear and aggression in dogs and cats in a veterinary setting. *Animals*, *11*(1), 158. <https://doi.org/10.3390/ani11010158>.
- Rodan, I. (2010). Understanding feline behavior and application for appropriate handling and management. *Topics in Companion Animal Medicine*, *25*(4), 178–188. <https://doi.org/10.1053/j.tcam.2010.09.001>.
- Rodan, I., Sundahl, E., Carney, H., Gagnon, A.-C., Heath, S., Landsberg, G., Seksel, K., & Yin, S. (2011). AAHP and ISFM feline-friendly handling guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, *13*(5), 364–375.
- Ryan, S., Bacon, H., Endenburg, N., Hazel, S., Jouppi, R., Lee, N., Seksel, K., & Takashima, G. (2019). WSAVA animal welfare guidelines. *The Journal of Small Animal Practice*, *60*(5), E1–E46. <https://doi.org/10.1111/jsap.12998>.
- Shepherd, K. (2011). Handling and restraining aggressive dogs. *The Veterinary Record*, *168*(13), 359.

- Stevens, B. J., Frantz, E. M., Orlando, J. M., Griffith, E., Harden, L. B., Gruen, M. E., & Sherman, B. L. (2016). Efficacy of a single dose of trazodone hydrochloride given to cats prior to veterinary visits to reduce signs of transport-and examination-related anxiety. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 249(2), 202–207. <https://doi.org/10.2460/javma.249.2.202>.
- Tynes, V. V. (2014). The physiologic effects of fear. *Veterinary Medicine*, 109(8), 274–280.
- Vogt, A. H., Rodan, I., Brown, M., Brown, S., Buffington, C. A. T., Forman, M. J. L., Neilson, J., & Sparkes, A. (2010). AAFP-AAHA: feline life stage guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 12, 43–54.
- Volk, J. O., Felsted, K. E., Thomas, J. G., & Siren, C. W. (2011). Executive summary of the Bayer veterinary care usage study. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 238(10), 1275–1282. <https://doi.org/10.2460/javma.244.7.799>.
- Wells, D. L. (2006). Aromatherapy for travel-induced excitement in dogs. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 229(6), 964–967. <https://doi.org/10.2460/javma.229.6.964>.

Histórico do artigo:

Recebido: 9 de dezembro de 2022.

Aprovado: 16 de dezembro de 2022.

Disponível online: 24 de dezembro de 2022.

Licenciamento: Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0), a qual permite uso irrestrito, distribuição, reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam devidamente creditados.